

Artigo

Corpos negros femininos nas literaturas africanas de língua portuguesa

Mbiavanga Adão Garcia*

Resumo

As literaturas africanas de língua portuguesa têm se consolidado como espaços de resistência e de reescrita da história, especialmente por meio de vozes femininas que ressignificam corpo, memória e identidade. Este artigo propõe uma análise crítica da representação dos corpos negros femininos nas obras de Paulina Chiziane, Conceição Lima, Ana Paula Tavares e Yara Monteiro, tomando como base a noção de reexistência, entendida como estratégia de afirmação diante das marcas coloniais e patriarcais. A investigação articula teoria e crítica literária com aportes das Ciências Sociais, dialogando com conceitos de interseccionalidade, feminismos negros e decolonialidade. As análises privilegiam obras como *Niketche: Uma história de poligamia*, *O útero da casa*, *Dizes-me coisas amargas como os frutos* e *Essa dama bate bué*, destacando como as autoras reconfiguram narrativas sobre gênero, sexualidade, ancestralidade e diáspora. Busca-se evidenciar de que modo a escrita dessas autoras cria uma epistemologia própria, onde o corpo se torna um território de memória, resistência e poder, propondo novas leituras para a crítica literária africana contemporânea.

Palavras-chave: Literaturas africanas. Mulheres negras. Interseccionalidade. Reexistência. Colonialidade.

Black female bodies in Portuguese-speaking African literatures

Abstract

Portuguese-language African literatures have been consolidated as spaces of resistance and rewriting of history, especially through female voices that resignify body, memory, and identity. This article proposes a critical analysis of the representation of black female bodies in the works of Paulina Chiziane, Conceição Lima, Ana Paula Tavares and Yara Monteiro, based on the notion of reexistence, understood as a strategy of affirmation in the face of colonial and patriarchal marks. The investigation articulates literary theory and criticism with contributions from the Social Sciences, dialoguing with concepts of intersectionality, black feminisms and decoloniality. The analyses privilege works such as *Niketche: A history of polygamy*, *The uterus of the house*, *Dizes-me coisas amargas como os frutos* and *Essa dama bate bué*, highlighting how the authors reconfigure narratives about gender, sexuality, ancestry and diaspora. It seeks to show how the writing of these authors creates an epistemology of its own, where the body becomes a territory of memory, resistance and power, proposing new readings for contemporary African literary criticism.

Keywords: African literatures. Black women. Intersectionality. Re-existence. Coloniality.

* Doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná.

E-mail: mbiavanga.a.garcia@gmail.com

As literaturas africanas de língua portuguesa consolidaram-se, desde os processos de independência, como um campo de elaboração simbólica e disputa política em torno de memória, gênero, raça e colonialidade. Nesse cenário, a produção de escritoras negras ocupa uma posição estratégica, tensionando as narrativas hegemônicas ao reinscrever o corpo feminino africano como um território de experiência histórica, ancestralidade e agência social. Longe de ser apenas um tema, o corpo erotizado, materno, violentado e indócil torna-se o eixo a partir do qual essas vozes ressignificam a própria história (CRENSHAW, 1991; HOOKS, 1990; SANTOS, 2018).

2

Este artigo propõe uma análise crítica de como os corpos negros femininos são representados nas obras de quatro autoras: Paulina Chiziane (Moçambique), Conceição Lima (São Tomé e Príncipe), Ana Paula Tavares (Angola) e Yara Monteiro (Angola). A investigação sustenta que, em obras como *Niketche: Uma história de poligamia*, *O útero da casa*, *Dizes-me coisas amargas como os frutos* e *Essa dama bate bué*, as escritoras não apenas denunciam as violências coloniais e patriarcais, mas constroem uma epistemologia própria. Nela, o corpo funciona como um arquivo de memórias coletivas e, fundamentalmente, como uma plataforma de reexistência uma estratégia ativa de refazer mundos a partir das ruínas, reconfigurando linguagens, afetos e subjetividades.

Para fundamentar a análise, o estudo mobiliza um arcabouço teórico interdisciplinar que articula a crítica literária com as Ciências Sociais. O conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw é utilizado para apreender o entrecruzamento de raça, gênero e classe nas experiências representadas. As contribuições dos feminismos negros oferecem ferramentas para compreender como a margem se converte em um espaço de potência e produção de conhecimento contra-hegemônico. Por fim, as perspectivas decoloniais permitem reconhecer a literatura como uma prática produtora de saberes situados, que desafia os cânones eurocêtricos.

A questão que orienta esta investigação é: de que modo as obras escolhidas constroem o corpo negro feminino como lugar de memória, conflito e agência, e quais convergências ou singularidades emergem dessa leitura comparada? O objetivo geral é, portanto, analisar em perspectiva transnacional

as representações do corpo feminino negro nas quatro autoras, evidenciando as articulações entre gênero, raça, sexualidade, ancestralidade e os processos de subjetivação.

Organiza-se o artigo em cinco seções. A seção 1 apresenta o referencial teórico-epistemológico, discutindo interseccionalidade, feminismos negros /africanos, literatura como produção de conhecimento e a definição operacional de reexistência. A seção 2 descreve os procedimentos metodológicos e delimita o *corpus* analítico. A seção 3 reúne as análises das obras. Na seção 4, os resultados são discutidos em chave comparativa sob o eixo corpos, silêncios e vozes, enfatizando gênero como campo de disputa simbólica e social. A seção 5 apresenta as considerações finais e indica desdobramentos para pesquisas futuras.

1. Fundamentos teóricos e epistemológicos

3 A análise dos corpos negros femininos nas literaturas africanas de expressão portuguesa observa um arcabouço teórico que considere a imbricação entre raça, gênero, classe e colonialidade. A interseccionalidade, conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (1991), demonstra que as estruturas de opressão não podem ser entendidas isoladamente, pois as experiências de mulheres negras estão sempre atravessadas por múltiplas formas de desigualdade. Aplicar tal perspectiva às obras de Paulina Chiziane, Conceição Lima, Ana Paula Tavares e Yara Monteiro permite perceber como as narrativas dessas autoras não apenas expõem a interseção entre racismo e sexismo, mas também propõem deslocamentos que reconfiguram essas categorias. Em *Niketche: uma história de poligamia*, por exemplo, Chiziane (2002) articula a vivência de mulheres moçambicanas em um contexto de poligamia, revelando como o corpo feminino se torna espaço de disputa entre tradição, desejo e resistência. Já Conceição Lima (2004), em *O útero da casa*, escreve o corpo como metáfora de território ancestral e matriz de memória coletiva, enquanto Ana Paula Tavares (2011) explora em *Dizes-me coisas amargas como os frutos* a relação entre erotismo, terra e ancestralidade, e Yara Monteiro (2018) mapeia, em *Essa dama bate bué*, os deslocamentos e as feridas da diáspora, sempre ancoradas em corpos fragmentados, mas potentes.

Os feminismos negros, sobretudo aqueles formulados por autoras como Sueli Carneiro (2020), Bell Hooks (1990) e Ochy Curiel (2015), fornecem chaves teóricas que potencializam a leitura dessas obras. Carneiro (2020) denuncia a tríade estruturante do racismo, sexismo e desigualdade social, argumentando que a mulher negra ocupa uma posição de marginalização que demanda não apenas resistência, mas reinvenção de si, em contexto sócio-histórico brasileiro. Hooks (1990) entende a margem como um espaço de resistência criativa, um lugar de potência a partir do qual se constrói conhecimento contra-hegemônico. Ao pensar a literatura de autoras africanas, essa noção é crucial, pois as suas vozes partem de espaços historicamente marginalizados, mas que se tornam núcleos de elaboração crítica e estética. Curiel (2015) enfatiza a importância de uma epistemologia situada, que não universaliza a experiência feminina, mas reconhece suas especificidades culturais e históricas, algo claramente perceptível quando comparamos os contextos de Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe.

A literatura, ao contrário do que muitas correntes da crítica tradicional argumentam¹, não é apenas um espaço de ficção ou de criação estética, mas também um território de produção de conhecimento, como defende Santos (2018), ao abordar as epistemologias do Sul. A ciência moderna do Norte global marginalizou saberes outros, deslegitimando modos de conhecimento que não seguiam o modelo eurocêntrico. Ler Chiziane, Lima, Tavares e Monteiro sob essa perspectiva implica reconhecer que suas obras não apenas representam, mas também produzem conceitos, valores e narrativas que reorganizam o imaginário social. Mbembe (2017) reforça essa ideia ao afirmar que a escrita africana contemporânea opera na construção de uma memória coletiva crítica, uma forma de enfrentar a colonialidade do poder por meio de novas narrativas.

Nesse contexto, o conceito de reexistência, proposto por Walsh (2011), torna-se um eixo de análise imprescindível. Para Walsh, reexistir não significa apenas resistir à opressão, mas criar novos modos de ser e estar no mundo. É uma prática de reconstrução ativa que envolve linguagem, memória, corpo e território. Essa noção se manifesta de formas distintas e potentes no *corpus* selecionado, adaptando-se às particularidades de cada gênero literário.

1. A observação diferencia epistemologias de críticas. Refiro-me aqui a escolas de crítica literária que operam sob a influência de epistemologias que tendem a separar radicalmente o objeto estético (a arte) do objeto cognitivo (o conhecimento).

Paulina Chiziane (2002) explora a reexistência no plano da ação narrativa: suas personagens subvertem a lógica patriarcal da poligamia não pela negação direta, mas pela ressignificação tática, transformando um espaço de competição em uma complexa aliança de negociação e poder feminino. Já na poesia de Conceição Lima (2004) e na prosa poética de Ana Paula Tavares (2011), a reexistência opera no campo da imagem e do simbólico. Lima condensa no corpo a metáfora de um território ancestral que guarda e gesta a memória coletiva, enquanto Tavares mobiliza o erotismo como uma linguagem sensorial para reinscrever a liberdade nos corpos marcados pela moral colonial. Por fim, Yara Monteiro (2018), encena a reexistência na própria materialidade da linguagem e da identidade diaspórica, representando corpos fragmentados pela guerra que ativamente reconstroem seus pertencimentos através de um léxico híbrido e transnacional.

5

A interseccionalidade e a reexistência, associadas aos feminismos negros, criam uma base crítica sólida para ler essas obras como epistemologias vivas. Em vez de ver o corpo apenas como tema ou metáfora, reconhece-se nele um dispositivo político que produz sentidos e ressignifica experiências. A literatura, neste caso, torna-se um lugar de fala (Ribeiro, 2017), no qual autoras negras africanas e diaspóricas elaboram contranarrativas, questionam estruturas coloniais e propõem outras formas de habitar o mundo.

Sendo assim, o referencial teórico aqui adotado não busca homogeneizar, mas sim articular contribuições de diferentes campos e geografias do pensamento crítico. Teorias como a interseccionalidade e as reflexões sobre a margem emergem do contexto dos feminismos negros norte-americanos, enquanto a noção de reexistência e as epistemologias do Sul estão enraizadas no pensamento decolonial latino-americano. Embora oriundas de meios históricos distintos daqueles dos países africanos de língua portuguesa, essas ferramentas teóricas são mobilizadas aqui por sua potência analítica para desvelar as lógicas persistentes da colonialidade e do patriarcado, permitindo uma leitura mais complexa das estratégias de subversão presentes nas obras.

2. Metodologia e delimitação do *corpus*

Este artigo fundamenta-se em uma metodologia de natureza qualitativa, adotando um enfoque crítico-comparativo que estabelece um diálogo profundo entre a análise literária e os aportes teórico-críticos das Ciências Sociais. A abordagem qualitativa, como define Minayo (2010), se volta para a interpretação de fenômenos culturais e simbólicos, privilegiando o universo de significados, motivos e valores que não podem ser quantificados. Tratamos a literatura não apenas como um objeto estético, mas como um poderoso artefato cultural e um documento social, capaz de condensar em sua forma experiências históricas, disputas de poder e a complexidade dos afetos humanos (SANTOS, 2018).

6

A análise textual será guiada por um arcabouço teórico-analítico, articulado em torno de dois conceitos-chave que funcionarão como nossas principais ferramentas de leitura: a interseccionalidade e a reexistência.

a) A interseccionalidade será mobilizada metodologicamente para mapear como as estruturas de raça, gênero, classe e colonialidade se entrecruzam e se reforçam mutuamente na construção das personagens e das tramas. Não se trata de uma mera aplicação do conceito, mas de utilizá-lo como uma lente para desvelar as nuances, ambiguidades e tensões que emergem quando essas categorias colidem, revelando as formas complexas de opressão e agência que as narrativas expõem;

b) A reexistência funcionará como a categoria central para analisar as estratégias de subversão e criação presentes nas obras. Metodologicamente, este conceito nos orienta a buscar as práticas ativas de reconstrução de mundos. Analisaremos como a linguagem, a memória, o corpo e o território são mobilizados não apenas para resistir, mas para forjar novas subjetividades, epistemologias e formas de vida a partir das fraturas impostas pela história colonial.

O *corpus* desta investigação foi delimitado a partir de um recorte temático e de relevância crítica, focando em quatro obras centrais para a discussão sobre corpo, gênero e memória nas literaturas africanas de língua portuguesa: *Niketche: uma história de poligamia* (2002); *O útero da casa* (2004);

Dizes-me coisas amargas como os frutos (2011) e *Essa dama bate bué* (2018). A seleção não é aleatória; cada obra oferece um campo privilegiado para a aplicação de nosso arcabouço metodológico:

- a) *Nikette* foi escolhida por exemplificar a reexistência no plano da agência coletiva, permitindo analisar como um sistema patriarcal é reconfigurado de dentro por meio da negociação e da solidariedade feminina.
- b) *O útero da casa* se destaca pela sua potência em explorar a interseccionalidade no nível simbólico, onde corpo materno, casa-território e memória ancestral se fundem em uma poética de arquivo e resistência.
- c) *Dizes-me coisas amargas como os frutos* é fundamental para investigar como o erotismo e a sensorialidade se tornam linguagens de reexistência contra a moralidade colonial, reinscrevendo o corpo como um lugar de conhecimento e liberdade.
- d) *Essa dama bate bué* permite analisar a interseccionalidade da experiência diaspórica, onde raça, gênero, migração e trauma de guerra se articulam em corpos e identidades fragmentadas que buscam ativamente sua reconstrução.

É imperativo, contudo, fazer uma ressalva terminológica. O uso da categoria mulheres negras para autoras africanas exige uma reflexão cuidadosa, pois a racialidade opera de formas distintas em contextos africanos e na diáspora. Autoras como Ana Paula Tavares podem se identificar primariamente a partir de sua nacionalidade ou pertença étnica, e não sob a mesma lente racial que se consolidou nas Américas. No entanto, mantemos o termo neste estudo por uma razão analítica: nosso foco recai sobre como a lógica da colonialidade produziu uma hierarquia global que racializou e subalternizou corpos africanos, marcando-os dentro de um sistema de poder. Portanto, negra é entendida não como uma identidade fixa ou autoatribuída, mas como uma posição política e histórica dentro da qual essas escritoras e suas personagens operam e contra a qual produzem suas narrativas de reexistência.

O procedimento analítico consistirá em uma leitura atenta e aprofundada de cada obra, aproximando-se da crítica cultural e dos estudos pós-coloniais (SAID, 1994), que compreendem o texto literário como um campo de

batalha simbólico. A análise temática se concentrará nas categorias de corpo, memória, silêncio, ancestralidade e linguagem, buscando relacionar as estratégias estéticas de cada autora com os processos mais amplos de reconfiguração identitária e reinvenção do imaginário social. Como destaca Mbembe (2017), a literatura africana contemporânea funciona como uma memória viva, que não apenas registra traumas, mas projeta futuros. É essa dimensão performática e política que buscaremos capturar.

A partir deste detalhado percurso metodológico, avançaremos para a análise das obras, buscando demonstrar como esse mosaico literário, em suas singularidades e convergências, revela as múltiplas e potentes formas de reexistir.

8

3. Análise das obras

A leitura que se segue parte da premissa de que o corpo negro feminino, nas obras selecionadas, transcende a função de mero motivo temático. Ele opera como uma tecnologia narrativa e epistêmica, um dispositivo através do qual memória histórica, regimes de poder e possibilidades de reexistência são articulados (WALSH, 2011; SANTOS, 2018). Cada autora mobiliza dispositivos formais distintos: a polifonia de Chiziane, a imagem poética de Lima, a prosa lírica de Tavares e a montagem diaspórica de Monteiro reconfiguram a relação entre corpo, território e linguagem. Tal diversidade impede soluções críticas genéricas e exige uma análise calibrada ao gesto estético singular de cada uma.

3.1 *Paulina Chiziane: poligamia, corpo coletivo e reexistência*

Publicado em 2002, *Niketche: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane estrutura-se como o relato em primeira pessoa de Rami, a esposa oficial que, ao descobrir a rede de outras mulheres de seu marido Tony, inicia uma jornada de mapeamento e confronto. O romance executa um movimento narrativo ao deslocar o foco do homem polígamo para a complexa articulação subjetiva e política das mulheres. O corpo feminino, inicialmente apresentado como uma unidade na contabilidade patriarcal avaliado pelo número de filhos, tempo de coabitação, bens adquiridos, é transformado pela narrativa em uma plataforma de aliança. Chiziane demonstra como, ao se reconhecerem nas

histórias umas das outras, as mulheres convertem a competição imposta em cooperação estratégica, transformando a estrutura da poligamia em um inesperado espaço de negociação inter-feminina.

Essa virada é a manifestação literária da reexistência (WALSH, 2011). As personagens não se limitam a resistir à estrutura opressiva ou a abandoná-la; elas a ressignificam por dentro, subvertendo sua lógica. A reexistência aqui é tática, pragmática e coletiva. Formalmente, Chiziane constrói essa aliança através de uma prosa que mimetiza a oralidade, incorporando um registro coloquial e uma fina ironia. Os capítulos curtos e o uso recorrente de listas com nomes de esposas, filhos, amantes e objetos funcionam como uma cartografia desse corpo coletivo que se forma. O erotismo deixa de ser um atributo do poder masculino para se tornar uma linguagem de autoinspeção e avaliação dos limites da sujeição, um ponto que ecoa as reflexões de bell hooks (1990) sobre a apropriação do corpo como espaço de poder. Ao final da narrativa, a aparente derrota conjugal de Rami revela-se uma profunda reorganização dos poderes cotidianos. As mulheres negociam entre si tempo, bens, afetos e reconhecimento, fazendo com que o corpo deixe de ser posse masculina para se tornar uma moeda política compartilhada, ilustrando a dinâmica interseccional onde gênero e economia doméstica se tornam inseparáveis (CRENSHAW, 1991).

9

3.2 Conceição Lima: Útero-território e a gestação da memória

Diferente da prosa expansiva de Chiziane, o livro de poemas *O útero da casa* (2004) de Conceição Lima opera pela condensação. Em imagens breves e potentes, a poeta constrói uma poética da gestação da memória insular de São Tomé e Príncipe. A metáfora do útero articula, de forma visceral, o corpo feminino, a casa, a ilha e o arquivo histórico. O espaço doméstico não é clausura, mas cavidade de gestação de comunidade (LIMA, 2004, p. 27). A enunciação lírica opera em um entre-lugar: é uma fala íntima que reverbera coletivamente. Essa voz poética empresta seu corpo a uma memória plural que foi sistematicamente soterrada pelo colonialismo português, um processo que dialoga diretamente com o pensamento de Achille Mbembe (2017): sua poesia funciona como um contra-arquivo que se insurge contra o esquecimento imposto,

materializando em imagens orgânicas (o útero recolhe ossos) os espectros e os traumas da escravização e do trabalho forçado que assombram o presente pós-colonial.

É neste ponto que a ferramenta da interseccionalidade se torna indispensável. A relação com o pensamento de Crenshaw (1991) se evidencia na sobreposição de papéis que o eu-lírico encarna: o corpo é simultaneamente o de uma mulher, uma mãe, uma guardiã dos mortos e um sujeito colonial. Essas não são identidades separadas, mas eixos que se cruzam e definem uma experiência singular de opressão e resistência. O fato de ser um corpo feminino (gênero) o torna o receptáculo da memória da violência colonial (raça/história), e sua capacidade de gestar (maternidade) é ressignificada como uma potência de guardar e transmitir essa memória. Lima, contudo, subverte leituras que fixam a maternidade como destino biológico. Sua poética a converte em uma operação arquivística ativa: o útero guarda, seleciona, transforma e devolve a memória como um gesto crítico.

10

Aqui, a conexão com Sueli Carneiro (2020) se torna clara: a mulher negra, historicamente objetificada, deve se tornar o sujeito de sua própria narrativa. Lima performa exatamente isso ao transformar o corpo, principal alvo da violência colonial, na fonte de uma epistemologia da memória. O trabalho metafórico da poeta revela uma estética de contenção versos curtos, vocabulário preciso, cadência elegíaca que produz uma enorme densidade interpretativa. Ao mesmo tempo, essa estética resguarda o silêncio, não como ausência, mas como um espaço de elaboração. Conforme argumenta bell hooks (1990), a margem pode ser escolhida como um espaço de resistência, um lugar de radical possibilidade, um espaço de contra-hegemonia. O silêncio e a contenção na poesia de Lima são essa escolha pela margem: um ato de falar com poder desde um lugar de indizibilidade. Na chave de Walsh (2011), a reexistência aqui se manifesta na recuperação ritualizada da memória coletiva no corpo da fala poética.

3.3 Ana Paula Tavares: Erotismo terroso e a genealogia fraturada

A escrita de Ana Paula Tavares, em *Dizes-me coisas amargas como os frutos* (2011), mobiliza uma prosa híbrida que transita entre a crônica poética, a memória e a ficção. O corpo feminino emerge indissociavelmente vinculado à terra: frutos, cascas, sementes, perfumes e poeiras compõem uma sintaxe sensorial que, simultaneamente, erotiza o território e territorializa o erotismo. Essa fusão visceral perturba as dicotomias coloniais que rigidamente separavam natureza de cultura e corpo de espírito (SANTOS, 2018). O erotismo, longe de qualquer voyeurismo exotizante, atua como um método de conhecimento e de reaproximação de memórias e saberes interditados pela moralidade colonial católica (CURIEL, 2015). É uma linguagem de reexistência que reivindica o prazer e o corpo como fontes de saber legítimas.

Tavares trabalha ainda com a ideia de uma memória genealógica fraturada. Vozes de avós, tias e ancestrais femininas retornam em fragmentos, compondo uma linhagem descontínua, marcada pelos efeitos das guerras e do deslocamento colonial. É aqui que a obra dialoga profundamente com Mbembe (2017) e se esclarece quando entendemos que ele descreve o sujeito pós-colonial como alguém que vive entre ruínas, lidando com um arquivo histórico incompleto e violento. A fragmentação formal da escrita de Tavares em textos curtos, alternância abrupta entre relato e imagem poética é um arquivo estilizado. Sua prosa reencena a dificuldade e a urgência de juntar os pedaços de uma história que foi sistematicamente quebrada. Essa forma fragmentada solicita do leitor uma reconstrução ativa, uma prática que, em si, espelha o ato de reexistir (WALSH, 2011). Ao reinscrever o erotismo como uma linguagem de conhecimento do mundo, Tavares produz o que bell hooks (1990) teorizaria como uma fala da margem erotizada: um conhecimento situado, encarnado, que desafia frontalmente a lógica disciplinadora e descorporificada imposta sobre os corpos femininos pela colonialidade.

3.4 Yara Monteiro: Corpo diaspórico e a reconstrução

O romance de Yara Monteiro, *Essa dama bate bué* (2018), nos lança nas trajetórias de personagens marcadas pela guerra civil angolana, pelo exílio em Portugal e pelo retorno problemático à terra de origem. O corpo diaspórico

emerge como um palimpsesto: cicatrizes físicas da guerra convivem com lacunas afetivas e fraturas linguísticas. O sujeito feminino negocia pertencimentos múltiplos, transitando entre Angola, Portugal e os circuitos de uma cultura globalizada. A narrativa de Monteiro é notável por injetar na prosa uma oralidade urbana pulsante, gírias juvenis e um português transnacional, compondo um remix linguístico que encena a linguagem híbrida da diáspora. Esse gesto politiza a forma, pois desestabiliza a expectativa de uma norma culta lusitana como medida de pertencimento ou legitimidade literária (SANTOS, 2018).

12

A guerra e a memória familiar fragmentada produzem estados de dissociação corporal. As personagens buscam pistas de suas próprias histórias em fotografias, cartas e objetos micro-arquivos que, como teoriza Mbembe (2017), se tornam cruciais para a recuperação de histórias silenciadas pelo trauma em larga escala. Em um momento chave, a narradora reconhece o cansaço de carregar as versões que os outros têm de si, expressando o desejo de reconstruir sua identidade com as próprias mãos (MONTEIRO, 2018, p. 103). Este gesto converge diretamente com a noção de reexistência (WALSH, 2011), pois a personagem busca transformar o trauma herdado em uma plataforma para uma reinscrição subjetiva autônoma. A interseccionalidade opera na sobreposição de raça, gênero, status migratório, classe e língua. A negociação identitária não é apenas um drama íntimo, mas uma questão geopolítica, onde o corpo feminino se torna o palco de todas essas tensões. A reexistência, em Monteiro, é o ato de costurar esses fragmentos e, a partir deles, criar uma identidade nova, potente e inequivocamente sua.

Observam-se convergências importantes entre as quatro autoras. Em todas, o corpo feminino negro funciona como arquivo de violências históricas e, simultaneamente, como motor de criação de novos sentidos sociais núcleo da reexistência (WALSH, 2011). Chiziane enfatiza a negociação coletiva entre mulheres em contexto poligâmico; Lima transforma a maternidade em arquivo insular; Tavares erotiza o território para reabrir a memória colonial; Monteiro encena a montagem diaspórica de identidades em trânsito. Em termos formais, variam os regimes discursivos: romance polifônico (CHIZIANE, 2002), poesia imagética condensada (LIMA, 2004), prosa poética fragmentária (TAVARES,

2011) e narrativa diaspórica híbrida (MONTEIRO, 2018). Essas escolhas estéticas correspondem a configurações específicas de poder, memória e afeto em cada contexto nacional, reforçando a importância de uma crítica comparativa situada (MBEMBE, 2017; SANTOS, 2018).

4. Corpos, silêncios e vozes como campo de disputa

A leitura cruzada das obras de Paulina Chiziane, Conceição Lima, Ana Paula Tavares e Yara Monteiro revela que o corpo feminino emerge como um espaço central de disputa política, epistemológica e estética. Contudo, é crucial mediar a aplicação de conceitos como a interseccionalidade, forjado no contexto afro-americano para analisar a sobreposição de opressões. As experiências de mulheres em Moçambique, São Tomé e Príncipe e Angola não são intercambiáveis, e as questões raciais e étnicas operam de maneiras distintas em cada um desses contextos. Portanto, esta discussão comparativa não busca aplainar diferenças, mas sim demonstrar como as lógicas da colonialidade e do patriarcado são refratadas e combatidas de maneiras singulares, em resposta direta às particularidades históricas, políticas e sociais de cada nação.

13

Em *Niketche* (2002), a poligamia é inicialmente apresentada como um sistema patriarcal que distribui e controla o corpo das mulheres, mas a narrativa revela como essas mulheres são capazes de negociar poder e solidariedade, transformando relações de dominação em redes de apoio mútuo. Essa estratégia narrativa ressignifica o lugar da moçambicana, produzindo uma crítica às normas tradicionais e coloniais que subalternizam o feminino. Como destaca hooks (1990), é na margem que se encontra o potencial para novas leituras da realidade; em Chiziane, essa margem é ocupada por vozes femininas que reconstróem a narrativa de dentro do próprio sistema.

No caso de Lima (2004), a poética do útero rearticula corpo, memória e território, funcionando como um arquivo vivo de dores e esperanças. A poeta transforma a maternidade em metáfora de uma terra ferida e ao mesmo tempo fértil, na qual memórias da escravização e da violência colonial são gestadas e transmutadas em resistência. Como lembra Carneiro (2020), o corpo da mulher negra carrega a marca de uma história de silenciamento e objetificação, mas

também é lugar de fala e de produção de conhecimento. Lima reverte o gesto de apagamento e atribui ao corpo feminino uma função de guardião da memória, subvertendo a narrativa colonial.

Tavares (2011) propõe um discurso onde erotismo e ancestralidade se entrelaçam. O corpo, comparado à natureza, aos frutos e à terra, ganha um caráter telúrico e sensorial que desafia a moralidade colonial e cristã, resgatando práticas culturais e memórias afetivas de uma Angola marcada por guerras e transições políticas. Ao inscrever o erotismo como linguagem de reexistência, a autora recupera uma dimensão de liberdade e potência do feminino, alinhando-se ao que Curiel (2015) descreve como epistemologia descolonizadora, capaz de ressignificar as experiências do corpo e da sexualidade.

14

Em *Essa dama bate bué*, Monteiro problematiza a diáspora angolana e os efeitos da guerra sobre corpos deslocados. A narrativa híbrida, marcada por gírias, códigos da juventude e oralidade urbana, evidencia como a identidade feminina negra se fragmenta e se reconstrói entre diferentes territórios e línguas. A protagonista, ao se confrontar com memórias traumáticas e lacunas familiares, ilustra o que Mbembe (2017) define como o desafio de viver entre ruínas coloniais e buscar novos horizontes de subjetividade. A linguagem híbrida e o corpo marcado pelo exílio tornam-se instrumentos de reconfiguração identitária, revelando um processo ativo de reexistência (WALSH, 2011).

Em todas as autoras analisadas, observa-se a presença do silêncio como uma dimensão fundamental do discurso. O silêncio não é ausência, mas espaço de elaboração, memória e crítica. Lima usa versos breves e elípticos para evocar o indizível da história colonial; Chiziane cria pausas e diálogos que expõem a complexidade das relações poligâmicas; Tavares aposta em fragmentos poéticos que convidam o leitor a preencher lacunas; e Monteiro, ao alternar entre fala e silêncio, dá materialidade ao trauma da guerra e da diáspora. Como ressalta Hooks (1990), o silêncio pode ser um ato político de recusa, mas também uma ferramenta de resistência e autodefinição.

Essa pluralidade de vozes e silêncios indica que o corpo negro feminino, nas narrativas analisadas, não é apenas objeto, mas sujeito que fala, sente e se insurge. A categoria de reexistência (WALSH, 2011) sintetiza esse movimento,

na medida em que as autoras transformam traumas históricos em matéria de criação literária, produzindo novos imaginários que deslocam tanto o cânone literário quanto as estruturas de poder que o sustentam. A literatura dessas autoras demonstra que a escrita é um gesto de resistência e reinvenção: escrever sobre o corpo, a memória e o território é também um ato de cura coletiva e de afirmação da vida.

A análise comparativa permite perceber que, embora haja diferenças significativas entre as autoras seja pela forma poética ou narrativa, seja pelo contexto cultural e histórico, todas compartilham a intenção de desmontar discursos coloniais e patriarcais. Elas constroem um espaço de enunciação que se opõe ao que Santos (2018) chama de epistemologias dominantes do Norte global, propondo um pensamento literário que emerge do Sul, ancorado em experiências singulares, mas com alcance universal. Esses textos afirmam que a literatura não apenas representa a realidade, mas também a transforma, criando novos modos de ver e sentir o mundo.

Considerações finais

A análise das obras de Paulina Chiziane, Conceição Lima, Ana Paula Tavares e Yara Monteiro confirma que as literaturas africanas de expressão portuguesa, especialmente as de autoria feminina, constituem um campo vital de enfrentamento simbólico, político e estético. As narrativas dessas autoras se insurgem contra as estruturas coloniais e patriarcais que historicamente buscaram silenciar e controlar o corpo da mulher, reafirmando-o como um território de memória, um lugar de afeto e uma plataforma de resistência. O gesto de escrever, como demonstram, é também um potente gesto de reexistir.

Ao longo deste estudo, demonstrou-se que essa reexistência assume formas distintas e profundamente ancoradas em seus contextos. Em Moçambique, Chiziane subverte a poligamia, transformando-a de estrutura opressiva em um campo de negociação e aliança feminina. Em São Tomé e Príncipe, Lima forja uma poética que converte o corpo em um arquivo vivo, capaz de gestar a memória coletiva da escravização e do colonialismo. Em Angola, Tavares) articula erotismo e ancestralidade como uma linguagem para desafiar

a moralidade colonial e reafirmar a vida. E na diáspora, Monteiro dá voz a corpos fragmentados que se reconstróem ativamente através de uma linguagem híbrida e da reconexão com uma história fraturada.

Este artigo buscou contribuir para a crítica literária africana ao mobilizar uma leitura comparativa e interdisciplinar que, ao mesmo tempo em que se vale de ferramentas teóricas como a interseccionalidade e as epistemologias do Sul, insiste na necessidade de contextualizá-las. A análise procurou evidenciar que as obras não apenas dialogam com esses conceitos, mas os produzem de forma encarnada, mostrando como as opressões e as reinvenções se manifestam de maneiras singulares em cada geografia política. A categoria de reexistência provou-se central, pois as autoras não se limitam a resistir, mas reinventam o próprio ato de narrar, transformando a dor em potência criadora.

As narrativas de Chiziane, Lima, Tavares e Monteiro, portanto, reafirmam a importância da escrita como ferramenta de reconfiguração de identidades, linguagens e memórias. Elas nos mostram que o corpo é um espaço político que, embora marcado por fronteiras geográficas e simbólicas, possui a capacidade de transcendê-las. Como desdobramento, mais do que ampliar o diálogo, sugere-se a urgência de investigações futuras que aprofundem a análise dessas cosmologias e epistemologias locais, colocando-as em conversas mais horizontais com outras escritoras do Sul global. Fortalecer essa rede de estudos é fundamental para reconhecer e amplificar a pluralidade e a imensa potência das literaturas que, a partir de suas margens, estão a reescrever o mundo.

***Mbiavanga Adão Garcia** é Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e graduado em Letras pela mesma instituição. É Especialista em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do grupo de pesquisa GEREL (Grupos de Pesquisa em Pós-Crítica) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É fundador da Editora Afrobooks e Diretor Editorial da Editora Terapia Lírica.

Contato: mbiavanga.a.garcia@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6760555005296936>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5331-4095>

Recebido em: 23/07/2025
Aprovado em: 10/12/2025

Editora de texto: Roberta do Prá Alano
Editor-Chefe Discente: Sandro Adams

Como citar este texto: GARCIA, Mbiavanga Adão Garcia. Corpos negros femininos nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Perspectivas Sociais**, vol. 12, n. 01, e1229689, 2026.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade social. *In*: _____. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. Alfragide: Caminhos, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CURIEL, Ochy. **Descolonización y feminismo**: otra lógica política y epistemológica. Quito: Ediciones Abya Yala, 2015.

18

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, Bell. **Yearning**: race, gender, and cultural politics. Boston: South End Press, 1990.

LIMA, Conceição. **O útero da casa**. Lisboa: Caminho, 2004.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2017.

MONTEIRO, Yara. Nakahanda. **Essa dama bate bué**. Lisboa: Editora Guerra & Paz, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TAVARES, Ana Paula. **Dizes-me coisas amargas como os frutos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, descolonização e educação. *In*: CANDAU, Vera (Org.). **Didática e práticas de ensino**: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Petrópolis: Vozes, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAID, Edward W. **Culture and imperialism**. New York: Vintage Books, 1994.